



SEÇÃO LIVRE

A problematização contemporânea da família: *Os donos do inverno*

The contemporary problematization of the family: Os donos do inverno

La problematización contemporánea de la familia: Os donos do inverno

Jian Marcel
Zimmermann

orcid.org/0000-0002-5769-9348
jianmarcel@yahoo.com.br

Recebido em: 19 jun. 2025.

Aprovado em: 12 jun. 2026.

Publicado em: 14 ago. 2026.

Resumo: A produção literária brasileira contemporânea caracteriza-se, dentre outros elementos, pela diversidade de temas e estratégias compositivas adotadas por seus autores. Neste sentido, o tratamento artístico dado às estruturas familiares é o cerne temático do presente estudo. Assim sendo, analisamos a problematização dos conflitos familiares inerentes ao atual cenário na produção narrativa literária brasileira. Objetivamos verificar de que modo se dá a atualização artística de um tema cujo aproveitamento literário advém de épocas muito remotas, mas que, em virtude de sua recorrência em narrativas contemporâneas, mostra-se ainda deveras relevante. Nosso *corpus* de análise principal é o romance *Os donos do inverno* (2019), de Altair Martins, escritor gaúcho que compõe a narrativa de uma família, centrada na figura de dois irmãos, distanciada a partir da morte de Carlos, o irmão mais velho. Trata-se de uma estrutura familiar cuja formação é peculiar: os pais eram vizinhos e ambos ficam viúvos, unem-se formando essa nova família em que antigos amigos se tornam irmãos. Em decorrência das naturais ramificações teóricas do tema em questão, em busca de análises consistentes do texto e do problema, recorreremos também a teorias concernentes à sociologia, à antropologia, à psicanálise e à psicologia, a despeito da clareza de que nosso mote principal é literário. Verificamos tratar-se de uma diegese que se caracteriza pela criatividade na utilização dos recursos textuais, em que forma e conteúdo se harmonizam na coerente problematização de um tema abordado em sintonia com suas atuais demandas, como, por exemplo, na estruturação do narrador que, à revelia das tradicionais tipificações, estrutura-se, em muitos momentos, na primeira pessoa do plural, harmonizando com um protagonismo também plural. Resultado deste tratamento estrutural/temático é um produto de muitos méritos estéticos, cujo conteúdo apresenta um importante nível de aprofundamento.

Palavras-chave: família; literatura contemporânea; Altair Martins.

Abstract: Contemporary Brazilian literary production is characterized, among other elements, by the diversity of themes and compositional strategies adopted by its authors. In this sense, the artistic treatment given to family structures is the thematic core of the present study. Therefore, we analyze the problematization of family conflicts inherent to the current scenario in Brazilian literary narrative production. We aim to verify how the artistic updating of a theme occurs, whose literary use comes from very remote times, but which, due to its recurrence in contemporary narratives, still proves to be very relevant. Our main corpus of analysis is the novel *Os donos do inverno* (2019), by Altair Martins, a writer from Rio Grande do Sul who composes the narrative of a family, centered on the figure of two brothers, distanced after the death of Carlos, the older brother. This is a family structure whose formation is peculiar, the parents were neighbors and both became widows, they came together to form this new family in which former friends became brothers. Due to the natural theoretical ramifications of the topic in question, in search of consistent analyses of the text and the problem, we also resorted to theories concerning sociology, anthropology, psychoanalysis and psychology, despite the clarity that our main theme is literary. We found that this is a diegesis characterized by creativity in the use of textual resources,



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença [CC-BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

in which form and content harmonize in the coherent problematization of a theme addressed in tune with its current demands, as, for example, in the structuring of the narrator who, in defiance of traditional typifications, is structured, in many moments, in the first person plural, harmonizing with a protagonism that is also plural. The result of this structural/thematic treatment is a product with many aesthetic merits, whose content presents an important level of depth.

Keywords: family; contemporary literature; Altair Martins.

Resumen: La producción literaria brasileña contemporánea se caracteriza, entre otros elementos, por la diversidad de temas y estrategias compositivas adoptadas por sus autores. En este sentido, el tratamiento artístico dado a las estructuras familiares constituye el núcleo temático del presente estudio. Por tanto, analizamos la problematización de los conflictos familiares inherentes al escenario actual de la producción narrativa literaria brasileña. Pretendemos verificar cómo se produce la actualización artística de un tema, cuyo uso literario viene de tiempos muy remotos, pero que, por su recurrencia en las narrativas contemporáneas, sigue demostrando ser muy relevante. Nuestro principal corpus de análisis es la novela *Os donos do inverno* (2019), de Altair Martins, escritor riograndense que compone la narrativa de una familia, centrada en la figura de dos hermanos, distanciados tras la muerte de Carlos, el hermano mayor. Se trata de una estructura familiar cuya formación es peculiar, los padres eran vecinos y ambos enviudaron, se unieron para formar esta nueva familia en la que antiguos amigos se convirtieron en hermanos. Debido a las naturales ramificaciones teóricas del tema en cuestión, en busca de análisis consistentes del texto y del problema, recurrimos también a teorías concernientes a la sociología, la antropología, el psicoanálisis y la psicología, a pesar de la claridad de que nuestro tema principal es literario. Constatamos que se trata de una diégesis caracterizada por la creatividad en el uso de los recursos textuales, en la que forma y contenido armonizan en la problematización coherente de un tema abordado en sintonía con sus exigencias actuales, como, por ejemplo, en la estructuración del narrador que, desafiando las tipificaciones tradicionales, se estructura, en muchos momentos, en primera persona del plural, armonizando con un protagonismo también plural. El resultado de este tratamiento estructural/temático es un producto con muchos méritos estéticos, cuyo contenido presenta un importante nivel de profundidad.

Palabras clave: familia; literatura contemporánea; Altair Martins.

1 Introdução

A problematização das relações familiares é um tema historicamente caro à produção literária; muitas das milenares tragédias gregas já versavam, com diferentes ênfases e enfoques, sobre esta temática. A literatura contemporânea, por sua vez, tem nos conflitos familiares inspiração para uma enorme gama de romances, cuja repre-

sentação focaliza nos mais diferentes membros e conflitos (pais e filhos, irmãos, relações conjugais de toda ordem e de vários modelos etc.).

Os textos literários que hoje em dia tematizam a família o fazem de distintas maneiras, seja de forma episódica, seja como conflito central dos enredos. Podemos aludir, a título de exemplo, ao romance *Quarenta Dias*, de Maria Valéria Rezende (2014), em que a personagem Alice precisa deixar sua casa na Paraíba para ajudar a filha, em Porto Alegre, nos cuidados com a neta. O caos estabelecido com a nova situação força a protagonista a fugir, literalmente, da casa da filha e empreender a busca pelo filho de uma amiga na capital gaúcha. Por sua vez, *Pequena coreografia do adeus*, de Aline Bei (2021), trata, em um texto narrativo com brilhantes tons de poesia, da tentativa de superação de Julia do trauma de ter vivido sua infância em um lar cuja mãe não suportava ter sido abandonada pelo marido, enquanto este sofria com a lembrança de ter sido casado. Já Luisa Geisler, em *Quiçá* (2012), narra o esgarçamento do tecido familiar promovido pelos pais ausentes de Clarissa. A introdução de outro membro, Arthur, primo do interior, descortina a nociva relação doméstica vivida pelos citados personagens. Outro exemplo de texto que se constrói com base nos conflitos familiares é *Diário da queda*, de Michel Laub (2011), em que há um panorama de três gerações – avô, pai e filho – que se estrutura a partir de segredos traumáticos e suas revelações. Como finalização deste pequeno apanhado de exemplos, citamos *O filho eterno*, de Cristovão Tezza (2016), enredo no qual um casamento problemático é afetado pelo nascimento de um filho com síndrome de Down, o que condiciona a vida futura dos personagens, narrada sem qualquer glamourização ou vitimização.

Nossa investigação se dará nestes termos, verificaremos o tratamento que Altair Martins, em *Os donos do inverno* (2019), dá à temática em questão, tanto do ponto de vista estrutural quanto conteudístico. O romance elegido como *corpus* de análise trata da tentativa de reconciliação de dois irmãos, após um longo período de afastamento,

através da viagem que empreendem a fim de levar a ossada de outro irmão (jôquei), falecido há vinte e quatro anos, a um destino específico, uma corrida de cavalos na cidade de Buenos Aires.

Neste sentido, nossa análise será alicerçada em teorias de estudiosos que refletem sobre a questão familiar, como Belinda Mandelbaum (2020), Claude Lévi-Strauss (1982), Sigmund Freud (2010), Theodor Adorno e Max Horkheimer (1973). Cabe explicitar que elencamos teóricos de diferentes momentos históricos vislumbrando maior solidez analítica.

A despeito de ser um mote tradicional, seu tratamento literário, como por óbvio ocorreria, é feito hoje sob condições formais específicas de nosso momento sócio-histórico, além de apresentar nuances temáticas atualmente relevantes.

2 Família

As relações familiares são relevantes para boa parte das pessoas, pelos mais variados motivos, a partir dos vínculos mais estreitos ou de sua ausência. A família pode definir ou influenciar as escolhas de seus membros, mesmo que em forma de oposição; pode definir suas visões de mundo, opções estéticas e culturais, dentre outras tantas passíveis de influências.

Quase todos temos uma ideia idiossincrática a respeito da estrutura familiar, facilmente formulamos um conceito que, apesar de abstrato, permite-nos conjecturar com algum grau de propriedade sobre o tema. Entretanto, apesar da validade de nossos conhecimentos empíricos, ponderar a partir de definições teóricas gera um aprofundamento da reflexão, revelando outros prismas sobre algo já conhecido.

Freud, por exemplo, em *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos* (2010), parte do conceito de civilização para explicar a estruturação familiar. Afirma o autor que a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação das relações entre os homens são as finalidades originais do processo chamado civilizatório. Adorno e Horkheimer (1973) acrescentam que essa socialização progressiva acarreta uma repressão dos instintos e impulsos

individuais (o que pode explicar uma grande quantidade de conflitos domésticos).

A socialização progressiva significa uma repressão e um controle cada vez mais absoluto dos instintos. As renúncias que disso resultam não ocorrem sem atritos. Os impulsos reprimidos podem reagir, por sua vez, de maneira destrutiva, sobre a família. Esta encontra-se hoje, por assim dizer, entre dois ataques desfechados, simultaneamente, em duas frentes, o do progresso civilizatório, por um lado, e o das tendências irracionais assim acionadas, por outro (Adorno; Horkheimer, 1973, p. 133).

Entretanto, como instituição social, a configuração da família é diretamente afetada em seu interior pelas transformações sociais mais amplas, o que torna qualquer definição provisória e fadada a uma rápida obsolescência. Lévi-Strauss (1982, p. 523) também considera a família como instituição socialmente mediatizada:

Uma relação não pode ser isolada arbitrariamente de todas as outras, e também não é possível que o indivíduo se mantenha aquém ou além do mundo das relações. O meio social não deve ser concebido como um quadro vazio no interior do qual os seres e as coisas podem ser ligados, ou simplesmente justapostos. O meio é inseparável das coisas que nele habitam.

Percebemos, neste sentido, que as mudanças sociais ocorridas no Brasil alteraram a estrutura familiar tradicional. Podemos tomar como exemplo seu número de membros: segundo o censo de 2022 (Nalin et al., 2023), a média de moradores por residência brasileira é hoje de 2,79, diferente do resultado apresentado na pesquisa de 2010, que registrava 3,31. Os dados correntes apresentam a menor média desde o ano de 1980, data a partir da qual esses índices passaram a ser disponibilizados.

Ademais, o aumento da escolarização, principalmente de mulheres (brasileiras com mais de oito anos de estudos têm, em média, metade do número de filhos das que possuem até três anos de estudo), segundo o Observatório Nacional da Família (2023), fez com que a fecundidade no Brasil também diminuísse: de 6,28 para 1,87 em um intervalo de 50 anos (de 1960 a 2010).

O processo evolutivo supracitado gerou diferentes configurações familiares ao longo da história. O que entendemos hoje em dia como família, apesar de uma base relativamente similar, apresenta contornos distintos dos encontrados em outras épocas e outras sociedades. Belinda Mandelbaum assim define o que ora vislumbramos:

Na sociedade ocidental contemporânea, de maneira geral, referimo-nos à família nuclear – aquela composta por um par heterossexual casado, monogâmico, unido por laços sentimentais, por uma cooperação econômica contínua e por um interesse comum ligado ao cuidado da prole (2020, p. 26).

Outrossim, a tradicional configuração patriarcal brasileira alterou-se significativamente: a imensa maioria (87%) das famílias monoparentais são chefiadas por mulheres (Machado *et al.*, 2023). Mesmo nos demais núcleos familiares as brasileiras são as principais responsáveis em 51% dos casos.

Outra mudança significativa ocorreu a partir de 2011, quando o STF reconheceu a possibilidade de uniões estáveis homoafetivas (o que só se efetivou, de fato, em 2013). No primeiro ano dessa resolução, foram registradas 3,7 mil uniões dessa natureza e, desde então, cerca de 9 mil por ano.

Fator também relevante na transformação da estrutura familiar tradicional brasileira é a efemeridade crescente dos casamentos (Machado *et al.*, 2023). O tempo médio de duração dos matrimônios diminuiu 15% em 11 anos, caindo de 16 para 13,6 anos.

Por se tratar de uma instituição social, segundo Mandelbaum (2020), a família estará sempre submetida a contingências circundantes e será determinada pelo momento histórico contemporâneo. Além disso, as novas configurações estruturais ensejam demandas específicas, diferentes das vivenciadas pelas famílias pretéritas:

A experiência dos terapeutas de família aponta para estruturas familiares em profundo processo de reorganização, que tendem à fragmentação por questões de difícil superação, seja entre o casal ou entre pais e filhos, ou à inclusão de membros previamente exteriores ao núcleo familiar, gerando continuamente

demandas por novas formas de compreensão e intervenção (Mandelbaum, 2020, p. 18).

A despeito de algumas mudanças sociais serem lentas e graduais, questões bélicas, sanitárias etc. podem acelerar o processo e exigir que a citada reorganização se faça de forma célere. No entanto, a ruptura de estruturas consolidadas (quiçá por séculos) nem sempre se dá de forma harmônica ou consensual, o que tende a gerar uma série de conflitos.

Freud (2010), em uma reflexão sobre as causas e origens do sofrimento humano, aponta para três fontes primordiais. A primeira delas é o que ele chama de "prepotência da natureza", a ser moderada no sentido da geração de segurança e conforto. A fragilidade do corpo humano seria a nossa segunda fonte de angústia, daí o desenvolvimento de ramos da ciência que buscam atenuar tal característica. A insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade, seria o último elemento aflitivo basilar para a humanidade. Porém, os elementos elencados podem desencadear outros, diferentes ou novos, em virtude do natural processo evolutivo da sociedade. Pensando principalmente no terceiro aspecto, o autor afirma:

Boa parte da peleja da humanidade se concentra em torno da tarefa de achar um equilíbrio adequado, isto é, que traga felicidade, entre tais exigências individuais e aquelas do grupo, culturais; é um dos problemas que concernem ao seu próprio destino... (Freud, 2010, p. 38).

A família, como instituição que se estrutura em um meio social e é por ele definida e influenciada, opera como promotora tanto de saúde como de doença de seus membros (Mandelbaum, 2020). O equilíbrio entre a satisfação do grupo e a individual pode gerar crescimento ou frustração, uma postura abnegada ou egocêntrica, a depender do modo como cada família equaliza seus anseios:

A civilização é construída sobre a renúncia instintual, o quanto ela pressupõe justamente a não satisfação (supressão, repressão, ou o quê mais?) de instintos poderosos. Essa "frustração cultural" domina o largo âmbito dos vínculos sociais entre os homens; já sabemos que é a

causa da hostilidade que todas as culturas têm de combater (Freud, 2010, p. 40).

Para a harmonia que visa à manutenção dos vínculos familiares saudáveis, a sociedade criou protocolos que, em alguma medida, legitimam as mudanças, como os ritos de puberdade e iniciação. Há outro movimento, entretanto, que busca inibir o descolamento dos membros familiares e criar algum grau de equilíbrio:

Entre os mecanismos utilizados pela família para manter seu equilíbrio psíquico, próprios das interações pseudomutuais, pode-se encontrar uma generalidade de mitos, lendas e ideologias, todos eles enfatizando ou sugerindo as consequências catastróficas de uma divergência abertamente reconhecida a respeito de uma determinada estrutura fixa de papéis familiares (Mandelbaum, 2020, p. 45).

Solucionar a tensão entre o individual e o coletivo, entre a satisfação dos anseios da família como grupo e a de cada um de seus membros como sujeitos, é um dos desafios históricos mais duradouros. As mudanças sócio-históricas alteraram, e seguirão alterando, apenas alguns matizes dos conflitos, cuja base tende a ser perene e de difícil harmonização.

3 Conflitos familiares de *Os donos do inverno*

Ao longo da diegese de *Os donos do inverno* (2019), os irmãos Elias e Fernando, após vinte e quatro anos de separação causada pela morte do irmão mais velho, Carlos, em um acidente de motocicleta, fazem uma viagem factual, na qual, além da distância física percorrida, transcorrem memórias, revelações, descobertas, reflexões sobre culpa e perdão.

Há um espaço ficcional predominante no romance, a cidade de Porto Alegre, onde se dá a formação da família e onde ocorrem muitos eventos situados no passado dos personagens, além de servir como porto de partida para a viagem que ora empreendem. Entretanto, são também importantes os outros locais visitados durante a viagem, pois possibilitam uma visão agora em perspectiva, além de contato com pessoas

que, pela falta de envolvimento com os dramas fraternos, os ajudam a compreender a situação em que se encontram. Tal relevância é atestada inclusive pelos nomes de alguns capítulos, que indicam exatamente o local em que se encontram: Guaíba de Manhã (Martins, 2019, p. 49); Lagoa dos Patos (Martins, 2019, p. 105); Rio Grande (Martins, 2019, p. 109); O Taim (Martins, 2019, p. 133); Santa Vitória do Palmar (Martins, 2019, p. 141)...

A fim de analisar a relação estabelecida entre os irmãos, é preciso descrever a singular formação de parentesco estabelecida, que se difere das tradicionalmente feitas pelas teorias e pelo senso comum: "Toda família constitui um microcosmo fincado nas intermediações entre a esfera social e individual, o público e o privado, o real e a representação, o biológico e o cultural" (Mandelbaum, 2020, p. 17).

A família em questão é formada por um pai, Liandro (genitor de Fernando), e uma mãe, Marlene (genitora de Carlos e Elias), viúvos que se casam e tornam irmãos os meninos que já eram amigos, pelo fato de serem vizinhos. Neste sentido, percebemos uma configuração familiar exótica, que relativiza o aspecto biológico apontado por Mandelbaum (2020).

Os movimentos sentimentais, de relacionamento, comportamentais são também concretizados em termos narrativos a partir da fragmentação temporal. Embora haja um presente narrativo, ele é constantemente interrompido por incursões pretéritas, que conduzem os personagens (também o leitor) a reflexões e a algum nível de compreensão que possibilite a expiação buscada pelos protagonistas.

As memórias revisitadas operam numa tentativa de reconexão afetiva rompida pelos eventos e pelo tempo. Assim, a narrativa se inicia a partir de uma cena rememorada em que os três irmãos brincam juntos pela primeira vez. Esses eventos do passado são diluídos ao longo de todo o romance, e são compostos por aniversários de infância, primeiras namoradas, pais os ensinando a pescar, e algumas memórias inclusive de "antes de serem irmãos". Essas recordações criam, de fato, no confinamento de muitas horas em um

automóvel, uma atmosfera que potencializa uma reconciliação entre os irmãos.

O processo ambicionado pelos protagonistas é também edificado a partir de revelações, que ilustram tanto o fato em si (a desavença fraternal) quanto os eventos que colaboraram para os tornar os sujeitos que hoje são.

Em dado momento, vem à tona a informação de que o irmão não falecera em função de qualquer ferimento causado pelo acidente, mas sim de hipotermia. Elias e Fernando sempre responsabilizaram um ao outro pela falta de celeridade em encontrar Carlito, que caíra de moto para fora da estrada, em uma noite de inverno chuvoso, no trajeto entre as cidades de Guaíba e Porto Alegre. Tal culpabilização gerou em ambos um sentimento que carregariam durante este intervalo de vinte e quatro anos, e que só agora começa a ser superado:

Depois da morte do Carlito nos tornamos o resto, aquilo que não precisa ficar inteiro. Mas só agora, viajando juntos, um parece envelhecer o outro. É mesmo deste modo: para envelhecer, temos que continuar, os vivos, lembrando o que nos é comum (Martins, 2019, p. 161).

Fernando ainda revela uma situação traumática vivida em sua infância, antes de migrar com a família do Tocantins para o Rio Grande do Sul. Um primo mais velho, que ficara encarregado de conduzi-lo ao encontro dos pais, em outra cidade, urina sobre ele, inclusive dentro de sua boca, como punição pelo seu comportamento acovardado em uma travessia de balsa.

Elias também fica sabendo, através do relato do irmão, que Carlos e Fernando tinham planos de viver em Buenos Aires, apenas os dois, pelo fato de o irmão mais jovem ainda não ter atingido a maioridade legal. Essas confissões, que em outro contexto potencializariam sentimentos inadequados aos atuais propósitos (inveja, fúria, ciúmes...), operam agora na construção de uma relação de fraterna cumplicidade.

Uma estratégia compositiva que colabora, em termos narrativos, na estabilização da relação entre os irmãos é a diluição do protagonismo. Não há centralização dessa função no enredo, tanto

Elias quanto Fernando possuem relevância similar nos eventos diegéticos. Para esta reflexão, é útil atentarmos à categorização feita por Carlos Reis:

Tende-se, deste modo, a entender a personagem como signo, o que corresponde a acentuar a sua condição de unidade suscetível de delimitação no plano sintagmático e de integração numa rede de relações paradigmáticas (2003, p. 361).

Pensar o personagem como signo – na definição de Peirce (2017), na qual se considera, além da dualidade tradicional, o efeito no receptor, a capacidade potencial de interpretação – nos ajuda a entender a estratégia compositiva adotada. A centralidade das ações transita de um personagem para outro, há um protagonismo flutuante que, além de dinamismo ao enredo, confere ao signo em questão paradigmas distintos em diferentes episódios da diegese.

A particularidade do narrador opera também neste propósito, pois sua focalização se dá na primeira pessoa do plural. Em determinados eventos, percebe-se que se trata da união das vozes de Elias e Fernando, com a peculiaridade de que, quando há referência individual a um dos irmãos, isto se dá na terceira pessoa:

Esperamos a mãe fechar a porta de casa. E ficamos olhando – O Elias de fora do carro e o Fernando de dentro. Não é a mesma casa, que aquela onde vivemos, de madeira, com janelas brancas e paredes cor de laranja, tinha apenas o banheiro e a cozinha de alvenaria (Martins, 2019, p. 64).

Cabe destacar, ainda, que a despeito da originalidade do recurso, há uma tendência na produção literária contemporânea à criação de narradores peculiares, cuja focalização distancie-se dos moldes tradicionais, como afirma Ginzburg:

Dar voz a um personagem excluído da família, incestuoso e talvez epilético, e a um guerreiro torturado, atormentado por memórias dolorosas, são escolhas por parte dos escritores que supõem abandonar as condições de percepção habituais do cotidiano, dos dis-

cursos midiáticos, das instituições de controle político e jurídico (2012, p. 212).

Utilizar a categoria do narrador de forma criativa não configura necessariamente um fenômeno novo no sistema literário, mas a frequência com que se utiliza nas obras contemporâneas e o modo de fazê-lo o tornam um movimento eruptivo. Nesse sentido, a teoria crítica tem atuado também na criação de um vocabulário que procura dar conta destas peculiaridades:

O narrador "historiador" de Lukács e as estruturas descritivas de Norman Friedman não são suficientes para a caracterização de parte da produção literária contemporânea. Pelo contrário, a Teoria da Literatura precisa, para compreender a sua especificidade e atribuir a ela valor justo, de uma renovação metodológica (Ginzburg, 2012, p. 217).

Friedman (2002, p. 171), anteriormente citado, desenvolve sua terminologia com base na problematização da "transmissão apropriada de sua história ao leitor", e uma das questões centrais de sua reflexão é "Quem fala ao leitor? (autor na primeira ou na terceira pessoa ou ostensivamente ninguém?)". Entretanto, em se tratando de produção literária contemporânea, e no caso específico do romance ora analisado, poderíamos acrescentar: plural ou singular? Em vez de "eu como testemunha", ou "narrador protagonista", poderíamos acrescentar termos como "nós como testemunhas" ou "narradores protagonistas".

A partir das considerações acerca do narrador e dos protagonistas do romance em questão, é possível detectar uma articulação entre as categorias da narrativa. A diluição do protagonismo é solidificada pelo narrador (por vezes) em primeira pessoa do plural, a diegese é construída de modo que forma e conteúdo se homogeneizem, mais ainda, os próprios elementos da narrativa articulados direcionam a um mesmo produto semântico.

O exótico projeto de transportar a ossada de Carlito até uma corrida de cavalos em Buenos Aires fez com que os irmãos fossem mutuamente se descobrindo adultos. Ambos conscientemente cooperavam para atenuar os inevitáveis momentos de conflito que as longas horas de convivência

ininterrupta gerariam, o que suscitou, inclusive, uma recíproca admiração. Elias, professor de biologia, admirava a habilidade (que ele próprio não possuía) de Fernando, taxista, em guiar um automóvel, ainda mais por diversas horas e em um trajeto por ele até então inexplorado. Este, por sua vez, apreciava e aprendia com a paixão do irmão pelos animais, por mais inusual que fosse (Elias falava com os cavalos). Desde a preparação para a viagem, eles compartilham momentos fraternos inéditos:

O Elias, por exemplo, se dá conta de que, pela primeira vez, vem à casa do Fernando. É a primeira vez que o Fernando cozinha para o irmão. É como se um sentimento bobo estivesse nos dizendo que estamos os três a comer bifes com pão e salada e a beber cerveja (Martins, 2019, p. 73).

Entretanto, os irmãos traçaram, nos vinte e quatro anos de separação, caminhos muito diferentes, além de desenvolverem visões de mundo conflitantes em diversas searas, como, por exemplo, na política e na ecologia, o que se evidencia em alguns episódios da narrativa. Naturalmente, alguns atritos eram inevitáveis:

Fica ali, fumando e pensando em tudo o que nos separou. Não foi um soco na cara. Foi nossa incapacidade de coincidir qualquer coisa - um café, uma visita, um olhar de frente ou mesmo uma cobrança, nem que fosse por escrito. Somos as provas de que a vida humana é pura fragilidade, mais ainda sobre um cavalo, uma motocicleta. E talvez o isolamento tenha sido feito de conforto: o de culpar para não repartir coisas difíceis de medir (Martins, 2019, p. 224).

A redescoberta do afeto, por vezes, dá-se a partir das interações com outros personagens do enredo. O fato de não serem irmãos biológicos nunca foi minimizado como um dos possíveis desencadeadores de seu afastamento. Todavia, a fala de outrem (a égua Onesita) chama a atenção para algo até então por eles ignorado: "Ela disse que neste país misturado todo mundo é irmão de criação. Somos todos crioulos, entende?" (Martins, 2019, p. 40). O que, em certo sentido, pacificou essa questão, pois se descobriram, pela primeira vez, apenas irmãos, sem a necessidade de qualquer qualificador adicional.

Fato peculiar é que as primeiras perdas familiares causaram menos traumas aos irmãos. A morte da mãe de Carlito e Elias, e o falecimento do pai de Fernando são tratados com alguma naturalidade pelos personagens, inclusive servindo como natural ponto de referência temporal: "Isso foi um pouco antes de sermos irmãos" (Martins, 2019, p. 28).

A morte do irmão mais velho, entretanto, causou uma ruptura longa (que buscam reverter durante a atual jornada). O acidente do jovem de vinte e dois anos produziu na família uma ruptura para além da evidente ausência:

O modo de vida em comum que é filogeneticamente mais antigo, o único existente na infância, defende-se da superação por aquele posteriormente adquirido, cultural. A separação da família torna-se para todo jovem uma tarefa, na solução da qual a sociedade com frequência o ajuda por meio de ritos de puberdade e iniciação (Freud, 2010, p. 43).

A precipitação da ruptura fez com que os ritos supracitados deixassem de ocorrer conforme as convenções sociais. Os irmãos rompem os laços com base na mágoa e na culpa, na responsabilização do outro pela tragédia imposta e pelo abalo à estrutura familiar. Uma das concepções sobre o ser humano é o de que ele se configura como ser de relação, conforme define Mandelbaum:

Dentro dessa concepção, o ser humano é o tempo todo, desde o nascimento ou até antes disso, ser de relação: ele tem seu lugar, sua identidade e os sentidos de seus pensamentos e gestos dados pelas relações que estabelece com outros seres humanos. As relações se dão continuamente no mundo externo, com outras pessoas, e no mundo interno – na fantasia, na imaginação, no devaneio, na reflexão, no sonho –, sendo mundo externo e mundo interno interpretados de tal modo que é muito difícil, senão impossível, separar um do outro (2020, p. 70).

No entanto, na família em questão, essas relações se inviabilizaram. Os devaneios e as reflexões dos irmãos se materializam: eles agridem-se fisicamente depois do velório de Carlos, ferem-se de forma grave, sangram no sentido figurado e literal. A briga não serve, entretanto, como alívio para as tensões; os irmãos a ocultam dos pais e

rompem a comunicação, e a convivência torna-se inviável, pois seguem culpando um ao outro pela negligência no socorro ao irmão ora falecido, e, conseqüentemente, pela própria morte deste.

Éramos dois desafinos, sabendo que não tínhamos podido evitar que o jóquei pegasse a moto e saísse para morrer e queríamos que um de nós assumisse qualquer falha ou por aquilo ou por não tê-lo achado na noite de chuva (Martins, 2019, p. 129).

A jornada empreendida pelos protagonistas ao longo do enredo tem como velado objetivo a construção de um mútuo perdão e o estabelecimento de uma relação harmônica, em virtude da consciência atingida de que somente a passagem do tempo não teve poder terapêutico: "Onde estivemos esse tempo todo, hein, Elias, hein, Fernando? Estivemos enterrando alguém que o escuro não se negou a cobrir. Estivemos morrendo" (Martins, 2019, p. 244). A impossibilidade do luto é desta forma descrita por Mandelbaum:

Na impossibilidade do luto, instala-se uma identificação melancólica com aquele ou aquilo que se perdeu, que permanece, como um de seus destinos, encriptado, na forma de morto-vivo, tanto naquele que viveu a perda como naqueles que o sucedem (2020, p. 106).

O enfrentamento das questões por tanto tempo adiadas possibilitaria, como afirma Paul Ricoeur (2007, p. 84), conduzir a vida para além das lembranças negativas, transformar a memória de algo patológico para algo terapêutico:

Contudo, pede-se também algo ao paciente: ao cessar de gemer ou de esconder a si mesmo seu verdadeiro estado, ele precisa "encontrar a coragem de fixar sua atenção em suas manifestações mórbidas, de não mais considerar sua doença como algo desprezível, mas olhá-la como um adversário digno de estima, como uma parte de si mesmo cuja presença é muito motivada e na qual convirá colher dados preciosos para sua vida ulterior".

Apesar do teor emocional que conduz a situação, os irmãos tentam agir racionalmente para atingir seus propósitos. Em diversos momentos da narrativa, em passagens episódicas ou reflexivas, eles manifestam ter ciência da postura requerida:

Nós, que nunca viajamos juntos, só conhecemos Brasil (o Elias menos que o Fernando), pretendemos em três dias atravessar três países só para assistir a uma corrida de cavalos. E queremos fazer tudo isso aproveitando cada detalhe, embora, em segredo, cada um se sinta em fuga (Martins, 2019, p. 80).

A expiação dos sentimentos negativos se dá de distintas maneiras: no compartilhamento de refeições, ao cantarem em altos brados uma canção com o vento entrando pelas janelas do automóvel, em triviais manifestações de generosidade etc. Esse processo os conduz a uma conclusão que os libera do sentimento de culpa e da necessidade de culpabilizar alguém:

_Que que houve, Fernando?
_Como o que que houve?
_Com a gente.
_É essa a pergunta?
_Não sei.
_Quer conversar a esta hora?
_A gente tem que conversar.
_Então o que houve é que a gente é bicho, bicho, tu sabe bem (Martins, 2019, p. 208).

O luto opera, finalmente, nos termos de Paul Ricoeur, sua tarefa terapêutica:

Mas então, por que o luto não é a melancolia? E o que faz o luto pender para a melancolia? O que faz do luto um fenômeno normal, embora doloroso, é que, "quando o trabalho do luto se conclui, o ego fica outra vez livre e desinibido" (2007, p. 86).

É possível depreender que os irmãos verificam na prática o que Freud (2010) definira em teoria: a tentativa de civilizar o ser humano esbarra em um paradoxo, a necessidade de equalização dos instintos, que nos aproximam dos nossos ancestrais animais, com o respeito às convenções legais/sociais. Ao atingir seu objetivo prático, o de conduzir a ossada do irmão a Buenos Aires, eles efetivam também outro, não menos complexo em sua execução, reestabelecem a fraterna relação e veem-se livres para viver o luto, por vinte e

quatro anos postergado.

4 Considerações finais

Uma das características mais marcantes na produção literária brasileira contemporânea, principalmente em termos de narrativa, é a diversidade de temas que norteiam a construção dos enredos. Alguns desses motes são específicos do momento sócio-histórico atual, entretanto, outras tematizações, já amplamente desenvolvidas ao longo da história da literatura, recebem hoje novo tratamento. O cerne de nossa reflexão, a problematização da família, é recorrente e relevante na tessitura de muitos dos enredos produzidos nos últimos anos, sendo ora mediada por conflitos que possuem a chancela das sociedades hodiernas.

Apesar de essencialmente literária, a transversalidade do assunto recomenda que este tipo de pesquisa se valha também do aporte de outras ciências. Neste sentido, nosso estudo, de abordagem interdisciplinar, sem hierarquias, que conglomerou sociologia, antropologia, história, psicanálise e psicologia, buscou, a partir deste elenco teórico, análises mais sólidas das questões verificadas a partir do romance *Os donos do inverno* (Martins, 2019).

A obra em questão nos colocou diante de uma família de formação singular: um novo casal se une a partir da viuvez de ambos (que já eram vizinhos); o pai (Liandro, migrante do norte do país) traz consigo um filho, Fernando, do casamento anterior, enquanto a matriarca, Marlene, é mãe de Elias e Carlito. A morte deste, o mais velho dos irmãos, há vinte e quatro anos, produz um mosaico de eventos e sentimentos entre os irmãos. Uma mescla de culpa, silenciamento, afastamento, responsabilização, reconciliação, perdão perpassa a diegese e assume centralidade no enredo.

A despeito de, na superfície narrativa, o romance utilizar-se do protagonismo de uma família (o que não é uma novidade artística), Altair Martins confere algum grau de ineditismo no tratamento dado ao assunto, seja pelo já citado exotismo do narrador, seja pela inclusão de elementos

fabulares à narrativa. Ademais, os personagens criados apresentam alto grau de singularidade, em contrapartida aos tão comuns tipos sociais; são, em essência, sujeitos de seus destinos e conferem originalidade e proeminência ao objeto estético.

Referências

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *Temas básicos de sociologia*. São Paulo: Cultrix, 1973.

BEI, A. *Pequena coreografia do adeus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

FREUD, S. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FRIEDMAN, N. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. *Revista USP*, São Paulo, n. 53, 2002. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/33195>. Acesso em: 2 jun. 2025.

GEISLER, L. *Quiçá*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

GINZBURG, J. O narrador na literatura brasileira contemporânea. *Tintas*, Milano, n. 2, 2012. Disponível em: <https://riviste.unimi.it/index.php/tintas/article/view/2790>. Acesso em: 27 maio 2025.

LAUB, M. *Diário da queda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LÉVI-STRAUSS, C. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.

MACHADO, L.; GORZIZA, A.; BUONO, R. A nova família brasileira. *Piauí*, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/nova-familia-brasileira/>. Acesso em: 6 nov. 2023.

MANDELBAUM, B. *Psicanálise da família*. Belo Horizonte: Artesã, 2020.

MARTINS, A. *Os donos do inverno*. Porto Alegre: Não Editora, 2019.

NALIN, C.; CAUSIN, J.; COUTINHO, B. Censo 2022: família brasileira 'encolhe' e já tem menos de 3 pessoas. *O Globo*, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2023/06/censo-2022-familia-brasileira-encolhe-e-ja-tem-menos-de-3-pessoas.ghtml#>. Acesso em: 6 nov. 2023.

OBSERVATÓRIO NACIONAL DA FAMÍLIA. *Fatos e números: famílias e filhos no Brasil*. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/observatorio-nacional-da-familia/fatos-e-numeros/familias-e-filhos-no-brasil.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2023.

PEIRCE, C. S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

REIS, C. *O conhecimento da literatura*. Introdução aos estudos literários. Porto Alegre: EdPUCRS, 2003.

REZENDE, M. V. *Quarenta dias*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

TEZZA, C. *O filho eterno*. Rio de Janeiro: Record, 2016.

Jian Marcel Zimmermann

Possui graduação em Letras Português/ Literaturas da Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Pelotas UFPEL (2005); Mestrado em História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande FURG (2008); Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS (2016) e Pós-Doutorado pela Universidade Federal de Santa Catarina UFSC (2018). Atualmente é Professor de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, com atuação no Curso de Pós-Graduação em Linguagens Verbal e Visuais e suas Tecnologias, nas disciplinas "Tópicos do Romance Brasileiro Contemporâneo"; "A Interdisciplinaridade como Ferramenta Artística Contemporânea".

Endereço para correspondência:

JIAN MARCEL ZIMMERMANN

jianmarcel@yahoo.com.br

Como citar este artigo:

Zimmermann, J. M. A problematização contemporânea da família: Os donos do inverno. *Letras De Hoje*, e48288. <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2026.1.48288>

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.